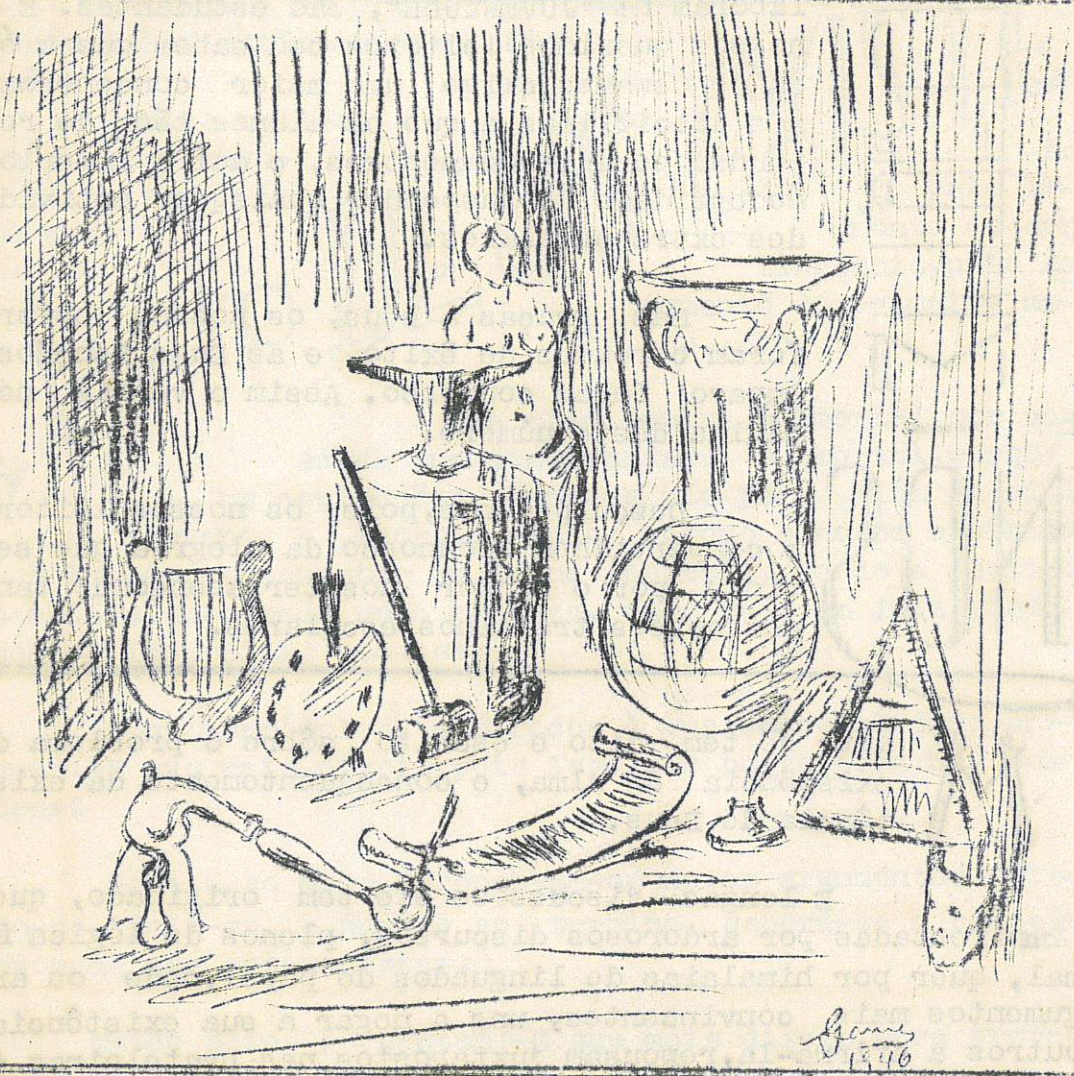


A JUVENTUDE

Boletim da Seccção
de Jovens da Liga do F.C. de Gaia
Nº 6-7 - JUNHO e JULHO de 1946 - ANO 2.



D
E
S
E
M
-

NOS

M

- "A JUVENTUDE" -

tal como sucedeu há um ano, deu-se um atrazo de dois mezes na publicação do nosso jornalzinho.

E o motivo que justificou ano passado aquele atrazo, é o mesmo que justifica o de agora: época de exames.

Na sua maioria, os que trabalham e colaboram na "JUVENTUDE", são estudantes. E os nossos queridos leitores bem sabem que a época de exames exige uma maior concentração nas disciplinas a que os alunos têm de responder perante os mestres, e daí a imperiosa necessidade de suspender quaisquer actividades extra escolares.

Mas, graças a Deus, os nossos esforços foram coroados de êxito, e as Suas Bençãos e Amparo foram connosco. Assim o vereis nou-página dêste número.

Desculpem-nos, pois, os nossos leitores, e compartilhem connosco da alegria que sentimos por o Senhor nos ter abençoado tanto nos nossos trabalhos escolares.

Muito se tem dito e escrito sôbre o problema da existência da alma, e consequentemente da existência de Deus.

E longas discussões êle tem originado, quer manifestadas por ardorosos discursos, plenos de lógica formal, quer por himalaias de linguados de papel, onde os argumentos mais convincentes, uns a negar a sua existência, outros a afirmá-la, repousam juxtapostos nas prateleiras de

- "A JUVENTUDE" -

algum arquivo, aparentemente inofensivos e mortos para o Mundo.

Uns afirmam: não há Deus, e a vida resume-se à nossa passagem pela Terra. São os ateus.

Outros dizem: Há, sim senhor, há um Deus, uno e soberano, e a alma humana existe, espiritual e eterna, portanto viva para além da vida.

Retorquem os primeiros: Como o demonstram? E então começa a discussão.

- Deus existe.
Demonstra-se ontologicamente
demonstrando-se

DEUS EXISTE

-se pelo argumento da contingência, pelo argumento do primeiro motor, etc., etc.

DI factio

E a alma humana é imortal, por causa da sua simplicidade, é imortal, porque as aspirações humanas vão para além da vida terrena, é imortal ainda, porque o nosso espírito é levado a conceber um Reino especial, onde a Justiça não esteja subornada pela riqueza, onde haja um Juiz recto, sabedor, imparcial, etc., etc.

E os incrédulos, aferrados à sua incredulidade, continuam: -E que mais dizeis, pois isso não basta para nos convencer?

Medita-se mais. Apresentam-se novos argumentos. Discute-se, fala-se, e quando se termina, espera-se a reacção provocada nos antagonistas.

Então êstes perguntam: -E que mais dizeis, para provar que há Deus?!

Felizmente que em dada altura da vida da maior parte destes incrédulos, há uma transformação brusca, algumas vezes nos últimos momentos, e eles vêm rojar por terra os ideais que tão ardorosamente defenderam, e vêm-se obrigados a renegar por completo aquilo que pretendiam impor.

E esta transformação não podia ter sido comandada senão por um Ser misericordioso, cujo poder excede em tudo o maior poder que existe na Terra, Ser que eles reconhecem na sua absoluta grandeza, sendo levados a confessar:—do facto há Deus.

Além desta certeza, eles sentem que alguma coisa de espiritual renasce dentro de si, alguma coisa que em contraste com o seu corpo, que já está decrépito e quasi morto, começa agora uma vida, sã e pujante, uma vida que não pode acabar quando a sua vida acabar, e que tem de remanescer por uma eternidade sem fim.

Então dizem eles: meu Deus, só te peço que me perdoes o erro em que eu gravitava, e que daqui em diante protejas a minha alma, que deponho em Tuas mãos.

José Manoel de Pina Cabral

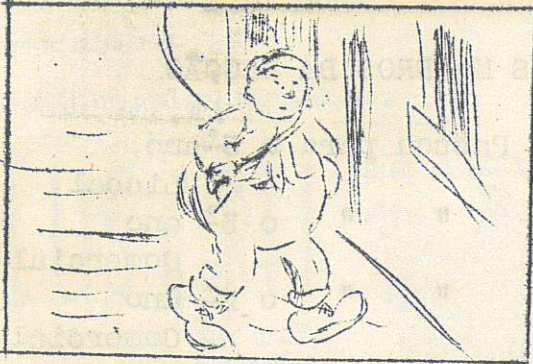
A ESTRADA DA VIDA

Eu sigo de cabeça erguida	Sinto a procela rebentar
A passo lento,	Lá muito ao longo.
Pela estrada da vida.	E tremo, de a escutar.

—"A JUVENTUDE"—

Já sinto frómitos de horror,	Medrosa e muda,
Ao pressentir,	Som que o trovão desperte
As águas com fragor	Essa imobilidade fria
De encontro à agreste penedia.	E sepulcral.
Ai! alma frágil	Ah! gente como eu qu'ria
Já o medo te atrofia!	Fortalecer os membros lassos
Vacilas, perdes o aprumo,	Dos que perecem.
E receosa,	E c'os meus próprios passos,
Buscas um novo rumo.	Levá-los onde o sol dardeja,
Ergue-te forte, oh! alma minha!	No fim da estrada!
Rígida, altiva...	Quando o raio lampeja,
O trovão se avizinha,	Oh! vós que tremendo de medo,
E o meu cabelo, solto ao vento,	Buscais abrigo,
Desfeito esvoaça.	Nas grutas dum penedo .
Então recobro alento	Com fôrça hercúlea, destruí-o!
E frente altiva, olhar seguro	Aí se esconde,
Sigo p'ra frente	E num longo assobio,
Confiada no futuro.	O vento ensaia tenebrosos,
Mas olho, e vejo em meu redor,	Tristes, gemidos.
A multidão,	Oh! de pressurosos,
Prostrada de terror.	Ide esmagar a pedra bruta,
E enquanto tudo verga, em volta,	E à tempestado,
Eu de pé, firme,	Mostrar a face enxuta!
Doraio à luz revolta,	Mas tudo fica imóvel, mudo,
Vejo a meus pés a gente inerte	E a tempestado

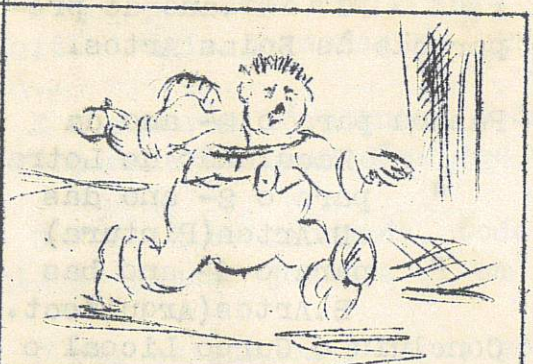
BOM HUMOR DE CAPACHO



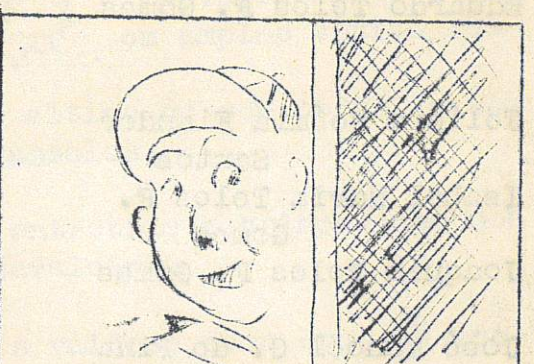
José Capacho Sachola
Ia a caminho da escola



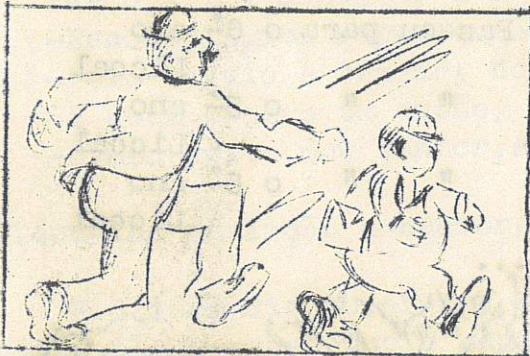
Não sei que estranha visão
Lhe despertou a atenção.



Corre, corre o bom Zézinho
A dar a nova ao Paisinho.



- Venha ver, corra, Papá
Um fenómeno que ali há.



Uma bicha que encontrei,
Sete cabeças contei



A bicha lá estava inteira...
Em frente da bilheteira.